

Experiências Adversas na Infância: Um Estudo com Autores de Agressão Sexual

Maira de Maria Pires Ferraz¹, Lília Iêda Chaves Cavalcante¹, Milene Maria Xavier Veloso¹

¹ Universidade Federal do Pará (UFPA)

Submissão: 26 jan. 2022.

Aceite: 23 fev. 2021.

Editor de seção: Marina Xavier Carpena.

Nota das Autoras

Maira de Maria Pires Ferraz  <https://orcid.org/0000-0001-7933-7287>

Lília Iêda Chaves Cavalcante  <https://orcid.org/0000-0003-3154-0651>

Milene Maria Xavier Veloso  <https://orcid.org/0000-0002-1035-8968>

Correspondências referentes a este artigo devem ser enviadas a Maira de Maria Pires Ferraz, Travessa Pirajá, 716 ap. 1002 A, Belém, Pará, Brasil. CEP 66083514. Email: mairapferraz@gmail.com

Resumo

Este estudo objetivou descrever Experiências Adversas na Infância (EAI) relatadas por autores de agressão sexual de crianças e adolescentes e sua relação com fatores pessoais e situacionais identificados ($n = 30$). Para tanto, utilizou-se um banco de dados formado por transcrições de entrevistas previamente realizadas, cuja análise de conteúdo considerou categorias temáticas retiradas do *Adverse Childhood Experiences International Questionnaire* (ACE-IQ). O abuso físico foi o mais relatado (70%) e o abuso sexual mencionado por quase metade da amostra, tendo seu risco aumentado diante da morte e/ou separação dos pais ($RR = 4.21$) e negligência emocional ($RR = 3.2$). Participantes com maiores ACE-Scores agrediram de forma mais recorrente e com menor uso de álcool e/ou outras drogas. A interpretação dos resultados à luz da literatura da área reforça a hipótese de que as consequências da exposição à adversidade na infância estão relacionadas tanto à probabilidade de tornar-se vítima ao longo da vida quanto de vir a manifestar comportamentos de risco, como a conduta sexual agressiva. Estudos posteriores poderão aplicar o ACE-IQ diretamente e em amostras maiores, com a realização de pós-teste, o que favorecerá a promoção de intervenções mais eficazes no atendimento a essa população.

Palavras-chave: experiências adversas na infância, autores de agressão, autores de agressão sexual, crianças e adolescentes, características biopsicossociais

ADVERSE CHILDHOOD EXPERIENCES: A STUDY WITH PERPETRATORS OF SEXUAL ABUSE

Abstract

This study aimed to describe Adverse Childhood Experiences (ACE) of child and adolescent sex offenders and its relationship with identified personal and situational factors ($n = 30$). To this aim, a database formed by transcripts of previously conducted interviews was used, whose content analysis considered thematic categories taken from the Adverse Childhood Experiences International Questionnaire (ACE-IQ) screening instrument. Physical abuse was the most reported (70%). Sexual abuse was mentioned by almost half of the sample, with an increased risk when death and/or divorce of parents ($RR = 4.21$) and emotional neglect ($RR = 3.2$) were presents. Participants with greater ACE-Scores abused children more frequently and with less alcohol or other drugs use. The interpretation of the results in the light of the literature reinforces the hypothesis that the consequences of exposure to adversity in childhood are related both to the probability of becoming a victim throughout life, and to manifesting risky behaviors, such as aggressive sexual behavior. Further studies can apply the ACE-IQ to larger samples, with the realization of a post-test, which can contribute to more effective interventions in serving this population.

Keywords: adverse childhood experiences, offenders, sex offenders, children and adolescents, biopsychosocial characteristics

EXPERIENCIAS ADVERSAS EN LA INFANCIA: UN ESTUDIO CON PERPETRADORES DE AGRESIONES SEXUALES

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo describir las Experiencias Adversas en la Infancia (EAI) por parte de los perpetradores de agresión de niños y niñas y la relación con factores personales y situacionales identificados. ($n = 30$). Para ello, se utilizó una base de datos formada por transcripciones de entrevistas realizadas previamente, cuyo análisis de contenido consideró categorías temáticas extraídas del instrumento Cuestionario Internacional de Experiencias Adversas en la Infancia (ACE-IQ). El maltrato físico fue reportado con mayor frecuencia (70%) y el abuso sexual fue mencionado por casi la mitad de la muestra, con su riesgo aumentado ante la muerte y/o divorcio de los padres ($RR = 4.21$) y negligencia emocional ($RR = 3.2$). Participantes con ACE-Scores más altos han agredido repetidamente a sus víctimas y con menos consumo de alcohol y/o otras drogas. La interpretación de los resultados a la luz de la literatura del área refuerza la hipótesis de que las consecuencias de la exposición a la adversidad en la infancia están relacionadas tanto con la probabilidad de convertirse en víctima a lo largo de la vida, como con la manifestación de conductas de riesgo, como la conducta sexual agresiva. Se sugiere que más estudios puedan aplicar el ACE-IQ a muestras más grandes, con la realización de una prueba posterior, lo que puede contribuir a intervenciones más efectivas al servicio de esta población.

Palabras clave: experiencias adversas en la infancia, autores de agresión, autores de agresión sexual, niños y adolescentes, características biopsicossociales

Nas últimas décadas, estudos que procuraram investigar os autores de agressão sexual de crianças e adolescentes (AASCA) e suas características descritas na literatura da área concluíram que estes são um grupo nitidamente diverso, sendo mais coerente falar na existência de perfis plurais do que um único (Serafim et al., 2009). Tais características heterogêneas de AASCA podem ser mais bem explicadas pela interação de múltiplos fatores cognitivos, situacionais e culturais presentes em sua trajetória de desenvolvimento. Essa interação mostra-se capaz de favorecer os comportamentos agressivos, sem que necessariamente indivíduos por eles responsáveis apresentem algum transtorno psicopatológico (Costa et. al, 2017). Esse aspecto fez aumentar o interesse pelo estudo de circunstâncias sociais e familiares que têm sido reconhecidas como fatores associados à manifestação dessa forma de agressão.

A utilização de uma perspectiva contextual para a investigação dessas experiências de vida, em especial as que ocorreram na infância de AASCA, pode auxiliar na compreensão das características ecológicas dos ambientes influentes na sua trajetória e de como estas se relacionam à manifestação de uma conduta sexual violenta. Essa perspectiva propõe a investigação de variáveis situacionais referentes às circunstâncias imediatas em que se deram as agressões, associadas àquelas relativas ao contexto, mais remoto e retrospectivo, marcado por fatores de risco individuais para o desenvolvimento, e o contexto de socialização no qual este indivíduo se desenvolveu (McKillop et al., 2018).

Como forma de contemplar essa perspectiva, este estudo propõe a discussão do constructo teórico referente às EAI (Organização Mundial da Saúde, 2011; Felitti et al., 1998). As experiências adversas na infância são reconhecidas como vivências potencialmente traumáticas transcorridas até os 18 anos de idade que, caso experimentadas continuamente e sem o apoio de um adulto que desempenhe função protetiva, se tornam fonte de estresse crônico ou estresse tóxico. Tal processo pode incluir desfechos negativos para o desenvolvimento em idades posteriores, tendo sido reunido algum consenso quanto à duração e severidade de seus efeitos (Center on The Developing Child, 2007).

Trabalhos mais recentes (Merrick et al., 2018) argumentam que o mecanismo pelo qual as EAI influenciam a saúde e o bem-estar no decorrer da trajetória de vida pode ser explicado por uma estrutura de pirâmide, em que problemas geracionais e históricos na família, somados a condições sociais precárias, estariam na base. Esses fatores poderiam facilitar a ocorrência de EAI e desencadear rupturas neurodesenvolvimentais, influenciando no surgimento de dificuldades sociais, emocionais e cognitivas. As dificuldades levariam esses indivíduos a adotar comportamentos de risco que poderiam resultar no desenvolvimento de doenças e incapacidades sociais, desencadeando a morte precoce.

Estudos que associam a exposição à adversidade precoce ao engajamento em comportamentos agressivos, condutas violentas e práticas de crime têm sido realizados por Drury, Elbert e DeLisi (2019), Reavis et al. (2013) e Levenson, Willis e Prescott (2014). Neles, encontraram-se alta prevalência e coocorrência de EAI entre AASCA, com maiores chances de homens que cometeram abuso sexual terem sofrido abuso e negligência quando comparados à população geral.

Entretanto, investigações que se propõe a demonstrar essa relação, levando em consideração seus aspectos particulares no contexto brasileiro, mostram-se incipientes. Assim, este estudo objetivou descrever experiências adversas na infância (EAI) e sua relação com fatores pessoais e situacionais em uma amostra local de autores de agressão sexual de crianças e adolescentes (AASCA).

Método

Trata-se de um estudo com delineamento empírico-descritivo, de caráter retrospectivo e abordagem quantitativa. Os dados foram construídos a partir da análise de conteúdo, baseada em categorias temáticas, das transcrições de entrevistas previamente realizadas entre 2015 e 2016 por membros da equipe de pesquisa da universidade de origem com uma amostra não probabilística de AASCA. A coleta anterior se deu em três unidades prisionais localizadas em municípios de um estado da região Norte do Brasil. O acesso a essas unidades foi autorizado após a aprovação do projeto, segundo o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos nº 650.210 e por meio de ofício emitido pela Secretaria de Administração Penitenciária responsável.

Participantes

O banco de dados utilizado continha a transcrição integral de entrevistas semiestruturadas com 30 homens julgados por terem cometido crime sexual contra crianças e adolescentes, o equivalente a estupro de vulnerável. Os participantes foram acessados em três unidades prisionais distintas localizadas em diferentes municípios do Estado. Na primeira unidade, coletaram-se 18 entrevistas, contabilizando uma perda devido a problemas no registro de áudio; na segunda, sete; e na terceira, seis. Ao todo, 30 entrevistas foram registradas em áudio e, posteriormente, transcritas e conferidas. Todos os participantes eram do sexo masculino, pertencentes à faixa etária de 27 a 70 anos na ocasião da entrevista, e estavam incluídos em processos que tramitaram e foram julgados em Varas de Crimes contra Crianças e Adolescentes em uma capital do Norte do Brasil.

Os participantes foram selecionados de maneira não probabilística e por conveniência, a partir da indicação dos técnicos das unidades carcerárias em função da tipologia criminal de interesse. Entre os critérios de inclusão é possível citar ser do sexo masculino, estar livre de perturbações psicóticas (antissocial, esquizofrenia, depressão grave, entre outros) e demonstrar ausência de síndrome cerebral orgânica ou qualquer condição médica grave. Os critérios obedeceram às principais estatísticas sobre o crime de estupro de vulnerável. Tais indicadores apontam que pessoas do sexo masculino sem demonstração de patologia descrita pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) figuram como principais responsáveis por crimes que envolvem agressão sexual de crianças e adolescentes (Serafim et al., 2009).

Instrumentos

O instrumento que orientou a definição das categorias temáticas para análise do conteúdo das entrevistas constituiu-se por uma versão traduzida para a língua portuguesa do *Adverse Childhood Experiences International Questionnaire* (ACE-IQ Test) (Silva, 2017). Essa versão apresenta 13 categorias que se desdobram em 31 questões distribuídas entre experiências vivenciadas diretamente e aquelas experimentadas indiretamente em seu contexto familiar, escolar e vizinhança. Sua aplicação permite o cálculo do ACE-Score ou Índice Total de Adversidade, servindo como parâmetro para concluir que quanto maior o número de EAI vivenciadas durante os primeiros 18 anos de vida, maior a possibilidade de ocorrer um desfecho prejudicial ao desenvolvimento. As categorias que compõem o instrumento contêm perguntas sobre as experiências de abuso físico, sexual e emocional, negligência física e emocional, e disfunções familiares diversas, tais como consumo de álcool e drogas por familiares no lar; encarceramento de membro da família; histórico de doenças mentais na família, violência doméstica; divórcio, separação ou morte de um ou ambos os pais; violência moral ou *bullying*, violência comunitária e violência coletiva.

Ressalta-se que, neste estudo, o ACE-IQ não foi diretamente aplicado à população pesquisada, mas, orientou a análise do conteúdo das transcrições das entrevistas por meio de categorias temáticas inspiradas em seus itens. Por essa razão, o cálculo do ACE-Score foi realizado a partir do reconhecimento da presença ou ausência de cada uma das categorias descritoras das experiências pesquisadas.

Procedimentos

Primeira etapa – Leitura exploratória do banco de entrevistas

Inicialmente foi realizada uma leitura exploratória do banco de dados secundários contendo as 30 entrevistas semiestruturadas na íntegra. De modo geral, as entrevistas continham dados referentes a informações biopsicossociais e trajetória de vida de AASCA. Durante a leitura inicial, utilizou-se como procedimento a análise de conteúdo segundo Bardin (1977), procedendo-se à leitura flutuante do conteúdo textual e a formação de categorias de análise que foram agrupadas por temas para responder ao objetivo do estudo, qual seja, identificar as experiências adversas na infância dos participantes.

A partir da leitura exploratória, foram identificados extratos de texto que continham relatos sobre o tema. A definição conceitual dessas experiências baseou-se nas perguntas contidas no instrumento *Adverse Childhood Experiences International Questionnaire* (ACE-IQ Test). Nessa etapa, também foram identificados fatores pessoais (idade, escolaridade, religião, estado civil e raça) e situacionais (idade e sexo da vítima, vínculo com a vítima, uso de álcool/drogas no momento da agressão, recorrência e severidade da agressão) dos participantes.

Segunda etapa – Construção do banco de dados

Em seguida, construiu-se um banco de dados a partir de uma planilha no *software* Microsoft Excel® contendo as 13 categorias referentes às experiências adversas na infância

relacionadas no ACE-IQ Test e as questões que buscavam descrever cada uma das EAI, totalizando 31. Os extratos de texto que indicavam a presença de uma dada EAI foram selecionados e inseridos em uma coluna. Ao lado de cada pergunta adicionou-se o extrato de texto que corresponde à EAI identificada e categorizada. Para quantificar esses resultados, foram utilizados os seguintes códigos: 1 = indícios da presença dessa EAI no conteúdo da entrevista analisada; 0 = ausência.

Terceira etapa – Avaliação por juízes

A avaliação que aponta a correspondência entre as categorias contidas no instrumento e os extratos de texto em que EAI aparecem no relato dos participantes foi realizada a partir da submissão da planilha de categorização a quatro juízes, incluindo a pesquisadora, com base no índice de concordância calculado pelo Teste de Concordância de Kappa. Em relação às variáveis dependentes examinadas, o valor de Kappa (K), para os juízes, foi superior a 0.61, o que é considerado substancial. Exceto dois itens referentes ao abuso físico e à violência doméstica não apresentaram essa marca, pois seus valores de K foram > 0.41 e < 0.61 respectivamente. Esses índices apontaram para um índice de concordância considerado como moderado. Sobre o nível de concordância entre os juízes, foi possível obter um índice geral de 95,56%.

Quarta etapa – Submissão para estatística descritiva e inferencial a partir do software JASP®

Os itens que descrevem as categorias de EAI e os fatores pessoais e situacionais de AASCA identificados nos extratos de texto das entrevistas foram então quantificados para realização de estatísticas descritivas e relação com as variáveis pesquisadas. Essas análises foram conduzidas a partir de submissão dos dados ao software JASP®. Para testar a associação entre variáveis, foi utilizado o Teste Exato de Fisher, considerando $p \leq 0.05$. A escolha desse teste teve como justificativa a recomendação de sua aplicação para amostras não paramétricas consideradas pequenas, cujo número amostral ≤ 30 . Para verificar a magnitude de associação entre as EAI relatadas por AASCA, assim como comparar as proporções de risco de vivenciar determinada EAI na presença de outra, foi utilizada a razão de Risco Relativo (RR), sendo considerado $RR > 1.5$ e $P \leq 0.05$ como condições para uma alteração de risco significativa.

Resultados

A caracterização biopsicossocial da população de AASCA realizada a partir dos dados dos participantes deste estudo ($n=30$) está sumarizada na Tabela 1. De maneira geral, a maior parte ($n=24$) dos entrevistados possuía idade superior a 30 anos, uma vez que a amostra é composta por homens de 27 a 70 anos de idade na ocasião da entrevista, e não exatamente no momento da agressão. A média de idade dos participantes é de 40.8 e o desvio padrão, de 10.8, revelando uma classificação etária com considerável amplitude. Em relação às características pessoais, a maioria cursou ensino fundamental completo ou incompleto ($n=20$), considerou-se evangélico ($n=18$) e declarou-se pardo ($n=19$).

Tabela 1*Distribuição de frequência de fatores pessoais e situacionais de AASCA*

Fatores pessoais e situacionais	% (n=30)
Idade	
≤ 30	6 (20%)
> 30	24 (80%)
\bar{x}	40.8
Escolaridade	
Analfabeto	1 (3.33%)
Ensino fundamental completo ou incompleto	20 (66.67%)
Ensino médio completo ou incompleto	8 (26.66%)
Ensino superior incompleto	1 (3.33%)
Religião	
Evangélico	18 (60%)
Católico	8 (26.70%)
S.l.	4 (13.3%)
Estado civil	
Casado ou união estável	14 (46.7%)
Solteiro	14 (46.7%)
S.l.	2 (6.7%)
Raça	
Preto	4 (13.33%)
Pardo	19 (63.3%)
Branco	5 (16.7%)
S.l.	2 (6.7%)
Sexo da vítima	
Masculino	5 (16.70%)
Feminino	25 (83.33%)
Grupo etário da vítima	
Criança (≤12)	13 (43.33%)
Adolescente (>12)	16 (53.33%)
S.l.	1 (3.3%)
Vínculo	
Intrafamiliar ^a	16 (53.33%)
Extrafamiliar ^b	14 (46.67%)
Severidade	
<i>Hands on</i> ^c	18 (60.%)
<i>Hands off</i> ^d	5 (16.7%)
S.l.	7 (23.3%)
Recorrência	
Sim	11 (36.7%)
Não	14 (46.7%)
S.l.	5 (16.7%)
Uso de álcool/drogas	
Sim	11 (36.7%)
Não	15 (50%)
S.l.	4 (13.3%)

Nota. S.l. = sem informação

^a Intrafamiliares = 7 padrastos; 6 pais; 1 padrinho; 1 tio e 1 avodrado

^b Extrafamiliares = 9 conhecidos; 4 vizinhos; 1 desconhecido

^c *Hands on* = agressão sexual com penetração e/ou coerção severa

^d *Hands off* = agressão sexual sem o uso de força e sem penetração

Sobre os fatores situacionais, as vítimas são, em sua maioria, do sexo feminino ($n=25$), adolescentes maiores de 12 anos de idade ($n=16$), porém, com uma média de idade de 12.51, com desvio padrão de 3.05. Pessoas que constituíam algum tipo de vínculo familiar representaram a maior parte dos casos analisados ($n=16$). Entre elas, prevalecem padrastos e pais. Quando a agressão ocorreu em âmbito extrafamiliar, conhecidos estão entre os prevalentes nesse grupo ($n=9$). A maior parte das agressões foi considerada severa ($n=18$), aqui definidas quando há o uso da força ou coerção severa no momento da agressão e/ou a ocorrência de comportamento sexual penetrativo, não necessariamente coocorrentes. Finalmente, parte significativa dessas agressões ($n=11$) se deu de forma recorrente, acontecendo ao menos mais de duas vezes; e nessa mesma proporção, AASCA encontravam-se sob efeito de álcool e/ou drogas no momento da agressão.

Em relação ao ACE-Score, ou índice de adversidade na infância, têm-se que 96.67% ($n=29$) dos participantes relataram ter vivenciado ao menos uma categoria de EAI, enquanto mais da metade (60%, $n=18$) pontuou quatro ou mais EAI, sendo a média neste recorte equivalente a 5.94 ($M_d= 5.5$; $dp= 1.86$). A média de ACE-Score na totalidade da amostra foi igual a 4.36 ($M_d= 4$; $dp= 2.45$). Enquanto 17% ($n=5$) e 13% ($n=4$) dos entrevistados obtiveram ACE-Score igual a 2 e 3, respectivamente, somente 7% ($n=2$) dos AASCA pontuaram apenas uma EAI e um (3%) relatou não ter vivido nenhuma delas. Na análise da prevalência dos subtipos de EAI, o abuso físico aparece como EAI mais frequente, estando presente no relato de 70% ($n=21$) dos AASCA, seguida pela EAI categorizada como violência moral, que inclui *bullying* e envolvimento em lutas físicas (63.67%, $n=20$), morte e/ou separação dos pais (56.67%, $n=17$), consumo de álcool e drogas por familiares no contexto do lar (53.33%, $n=16$) e abuso sexual (43.33%, $n=13$).

Para identificar se a exposição a determinada EAI poderia funcionar como um fator de risco para experienciar outras, foram selecionadas aquelas que apresentaram associações mais frequentes, tendo sido testadas as suas diferenças a partir da medida comparativa Risco Relativo (RR). Os dados da Tabela 2 indicam a exposição à morte e/ou separação dos pais na infância como maior fator risco para o abuso sexual em AASCA nessa amostra (RR= 4.21; $p= 0.0099$), aumentando a probabilidade de sua ocorrência em 321%. A exposição à negligência emocional (RR= 3.2; $p= 0.0067$) e à violência doméstica (RR= 1.57; $p= 0.02875$) também revelaram alterações de risco significativas para o abuso sexual, aumentando o risco de vivenciá-lo em, respectivamente, 220% e 57%.

Tabela 2

Risco Relativo (RR) de AASCA relatarem abuso sexual na presença de exposição à morte e/ou separação dos pais, negligência emocional e violência doméstica

	Abuso Sexual			RR (IC)	P Valor
	Presente	Ausente	Total		
Morte e/ou separação dos pais					
Presente	11	6	17	4.21 (1.12-15.78)*	.0099*
Ausente	2	11	13		
Total	13	17	30		
Negligência emocional					
Presente	8	2	10	3.2 (1.41-7.27)*	.0067*
Ausente	5	15	20		
Total	13	17	30		
Violência doméstica					
Presente	6	5	11	1.57 (.61-4.02)*	.02875*
Ausente	7	12	19		
Total	13	17	30		

Para verificar a associação entre as variáveis, utilizou-se o Teste Exato de Fisher, visto tratar-se de uma amostra pequena e de duas categorias, desconsiderando os casos sem informação. Esta análise mostrou existir uma associação significativa entre o ACE-Score de AASCA, maior recorrência da agressão ($p = 0.04$) e menor ocorrência de uso de álcool e/ou drogas no momento da agressão ($p = 0.03$).

Discussão

A partir dos resultados obtidos, foi possível identificar que o perfil de AASCA delineado nesta amostra é composto por homens adultos, não brancos, com baixa escolaridade e que professam a religião evangélica. Parte desses dados confirmam achados de estudo anterior com homens que praticaram agressão sexual (Teixeira et al., 2020), que apontou para o mesmo perfil de indivíduos na faixa etária de 30 a 50 anos e com baixa escolaridade. Além disso, assumiu-se que o perfil encontrado nesta amostra local também reflete a seletividade penal evidente nas características majoritárias da população carcerária no Brasil, composta em 65,88% por pessoas não brancas e 45% por pessoas com ensino fundamental incompleto, de acordo com o último Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Departamento Penitenciário Nacional, 2019).

Em relação às características da agressão, como o vínculo com a vítima e a severidade da agressão, os resultados obtidos reafirmam a hipótese levantada pelo estudo de McKillop et al. (2018), que comparou dados de 166 AASCA adultos e 212 adolescentes, na Austrália. Os

resultados indicaram ser mais comum que os adultos, com predominância de pais e padrastos, usem estratégias que não incluam coerção severa, uma vez que estão em posição de poder geracional e possuem recursos cognitivos mais complexos para atuar no convencimento da vítima.

A investigação acerca das EAI demonstra múltiplas ocorrências na trajetória de AASCA, sugerindo um acúmulo de desafios que se interpõem em seus principais contextos de desenvolvimento. Os resultados identificados por Reavis et al. (2013) são similares, apontando quase metade dos AASCA investigados como detentores de um ACE-Score de 4 ou mais EAI coocorrentes. Neste mesmo estudo, a comparação com o grupo controle demonstrou que AASCA teriam quatro vezes mais chances de apresentar escores mais altos. O estudo de Levenson, Willis e Prescott (2014) também identificou baixo índice de AASCA, que declararam não ter vivenciado nenhuma EAI e níveis mais altos de ACE-Score em aproximadamente metade da amostra de AASCA, com uma média total de 3,5, inferior à encontrada neste estudo.

Em relação ao abuso físico, relatado como mais frequente nesse grupo amostral, o estudo de Becerra-Garcia (2014) revelou que a sua ocorrência na infância de abusadores sexuais esteve associada a um comprometimento significativo nas habilidades cognitivas, em especial as psicomotoras, de velocidade de processamento de informações e de flexibilidade. Tais achados coadunam a premissa basilar dos estudos sobre EAI: a de que a vivência dessas experiências adversas pode ocasionar rupturas neurodesenvolvimentais, desencadeando potenciais prejuízos sociais, emocionais e cognitivos que favorecem a adoção de comportamentos de risco imediatos e a longo prazo.

Ressalta-se que a violência moral, em que estão inclusos o *bullying* e o envolvimento em lutas físicas, mostrou-se frequente nessa amostra, corroborando os resultados de Teixeira, Resende e Perissinotto (2020), que identificaram a experiência de vitimização por pares presente em 76.6% dos AASCA investigados na região Centro-Oeste do Brasil. Os resultados sugerem um papel crucial desse subtipo de EAI no desenvolvimento de AASCA, em especial em grupos amostrais brasileiros, onde circunstâncias sociais, econômicas, culturais e pessoais podem agravar a exposição à violência e às consequências danosas advindas dela.

O abuso sexual, aqui considerado inclusive quando há somente a abordagem para tal ato, esteve presente na trajetória de vida dos AASCA até os seus 18 anos de idade em quase metade do grupo amostral. O estudo de Levenson e Socia (2015) também identificou o abuso sexual entre AASCA de ambos os sexos como a quinta EAI mais reportada (38%). Drury, Elbert e DeLisi (2019) encontraram associação significativa entre o abuso sexual na infância e o cometimento de abuso sexual posterior, mesmo quando variáveis clínicas e criminológicas são controladas.

O estudo teórico de Plummer e Cossins (2016) discute a hipótese de que a experiência de abuso sexual na infância poderia aumentar a probabilidade de cometer uma agressão sexual no futuro. Esse fenômeno, segundo os autores, parece acarretar maiores conflitos em relação à construção da própria sexualidade quando as vítimas são do sexo masculino. Além disso, essa

percepção parece contribuir para a naturalização de comportamentos sexuais abusivos (Plummer & Cossins, 2016). Assim, meninos abusados poderiam aprender que a sexualidade está ligada a poder e controle, concepção que tende a ser culturalmente reforçada.

A morte e/ou separação dos pais foi frequentemente relatada nessa amostra. No entanto, Merrick et al. (2018), em um levantamento dos dados sobre prevalência de EAI em 23 Estados dos Estados Unidos em uma amostra aleatória, demonstrou que o divórcio ou separação dos pais e o abuso de substâncias no lar estão entre as dificuldades mais enfrentadas durante a infância dos participantes. Esse dado sugere que a prevalência dos dois subtipos de EAI na população geral não diverge de forma significativa da prevalência encontrada em AASCA. Isso significa que, em especial a separação dos pais vivenciada na infância, pode não ser fortemente preditiva do desfecho aqui analisado, uma vez que se trata de uma experiência cada vez mais comum na trajetória de vida de crianças ocidentalizadas, tendo menor potencial de ser percebida de forma traumática pela criança que a experimenta.

Entretanto, os dados relativos ao risco de vivenciar determinadas EAI na presença de outras sugerem que tais experiências tendem a ocorrer de forma simultânea, de maneira que a ocorrência de uma EAI é capaz de suscitar outras. O estudo de Turner et al., (2019), que utilizou dados de 7.852 crianças e adolescentes na faixa etária de 2 a 17 anos, identificou que a experiência de negligência física e/ou emocional na infância provocou uma maior vulnerabilidade para o abuso sexual. Da mesma forma, o estudo de Levenson, Willis e Prescott (2014) identificou correlação entre todos os subtipos de EAI em AASCA, em especial com a negligência emocional.

No presente estudo, demonstrou-se relação de associação entre os maiores ACE-Scores e a recorrência dos episódios de agressão, coadunando com os achados de Levenson, Willis e Prescott (2014), em que escores mais altos estiveram associados a agressões mais recorrentes. Uma hipótese que pode explicar essa associação assume que a combinação de determinadas EAI na trajetória de vida de AASCA tem o potencial de afetar a percepção sobre suas experiências no mundo, inclusive sobre atos de violência. Dessa forma, o indivíduo passaria a perceber estratégias mais continuadas de agressão como menos graves. Tal hipótese é sustentada por estudos nos quais admite-se que experiências prévias de abuso, falta de vinculação e isolamento na infância podem favorecer a aprendizagem de comportamentos socialmente disfuncionais ou inadequados. Esses comportamentos seriam ativados principalmente em situações de estresse, em que sistemas cognitivos mal adaptativos seriam expressos, como crenças de negação e minimização da agressão sexual e empatia limitada pela vítima (Henriques, 2016).

Também se identificou uma relação de associação entre ACE-Scores mais altos e menor uso de álcool e drogas no momento da agressão. Adotando-se a perspectiva das distorções cognitivas preexistentes, compreende-se que o uso de drogas para encorajar a agressão poderia se fazer “menos” necessário, uma vez que há uma naturalização cognitiva prévia da severidade e reincidência do ato. O estudo conduzido por Zuo et al. (2019) demonstra os possíveis efeitos neurológicos das EAI, como a modificação do córtex pré-frontal, responsável por funções executivas, julgamento, tomada de decisão e autorregulação de emoções. Assim, sugere-se que as

EAI podem desencadear uma maior suscetibilidade biológica ao desenvolvimento das distorções cognitivas.

Portanto, para compreender como AASCA estiveram engajados nesse tipo de comportamento, é preciso levar em consideração que as experiências vivenciadas nas relações interpessoais, somadas à falta de recursos para lidar com situações adversas, podem ter interferido sobremaneira nos processos de desenvolvimento ao longo de sua trajetória de vida. Assim, é possível que o engajamento em condutas sexualmente abusivas figure entre esses possíveis efeitos.

Esta pesquisa teve como principal objetivo descrever experiências adversas na infância (EAI) e sua relação com fatores pessoais e situacionais em uma amostra de autores de agressão sexual de crianças e adolescentes (AASCA). Considera-se que esse objetivo foi alcançado, uma vez que a investigação tornou possível assimilar a relação entre as categorias de EAI, o ACE-Score e as características da agressão, como a sua recorrência e o uso de álcool e outras drogas no momento da agressão. Contudo, é importante frisar que os resultados obtidos nesta pesquisa não são explicativos, mas descritivos. Ou seja, com base nos resultados, não é possível afirmar que exista uma relação causal entre EAI e a prática da agressão sexual no futuro. Entretanto, a análise dos dados permite concluir que, nesta amostra de AASCA, as EAI estiveram presentes, foram frequentes e se associaram de maneira significativa com características da agressão.

Entre as limitações do presente estudo, destaca-se o baixo número de participantes, tendo em vista que pesquisas quantitativas que aplicam diretamente o ACE-IQ costumam ser realizadas em amostras consideravelmente maiores. Ressalta-se que a impossibilidade de estabelecer um grupo controle e a aplicação indireta do instrumento, utilizando-se dados secundários, podem ter impactado o alcance das respostas coletadas, o que limita a generalização dos resultados. Por fim, é possível apontar a influência do viés da memória sobre os relatos coletados, tendo em vista que se trata de descrições retrospectivas das experiências vividas. Assim, sugere-se que, em pesquisas futuras, o instrumento ACE-IQ possa ser aplicado diretamente e em amostras maiores, se possível, com a realização de um pós-teste para conferir maior confiabilidade e consistência aos relatos.

A contribuição desta pesquisa para as áreas de estudo em Autores de Agressão Sexual e das Experiências Adversas na Infância perpassa a ampliação do conhecimento produzido no Brasil, levando em consideração a escassez de estudos na população brasileira com amostras compostas por AASCA, cujo acesso direto ainda é difícil. Além disso, espera-se que o presente estudo possa contribuir para o planejamento de políticas públicas em saúde que incluam AASCA como forma mais eficaz para evitar possíveis reincidências e mesmo prevenir futuras ocorrências de violência/agressão sexual, contribuindo para a elaboração de materiais instrucionais que discutam a importância das EAI e seus possíveis efeitos negativos ao desenvolvimento humano.

Esse objetivo é especialmente relevante dado o atual cenário da pandemia de Covid-19 e suas já documentadas repercussões nas experiências vivenciadas por crianças e adolescentes sob as restrições sociais e econômicas impostas por este contexto global. Esse cenário tende a acirrar

as desigualdades e intensificar o estresse crônico contido em experiências de isolamento, desemprego, perda de um dos pais e violências diversas. Espera-se que a discussão sobre as experiências adversas na infância possa estimular o olhar para os fatores potencialmente protetivos, capazes de promover resiliência diante das dificuldades enfrentadas. Com efeito, espera-se que as consequências negativas possam ser atenuadas e os desfechos de maior gravidade, como a agressão sexual de crianças e adolescentes, possam ser evitados.

- Teixeira, J. N. D. S., Resende, A. C., & Perissinotto, R. (2020). Vitimização e psicopatia em autores de violência sexual contra crianças e adolescentes. *Avaliação Psicológica*, 19(2), 123–131. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2020.1902.02>
- Turner, H. A., Vanderminden, J., Finkelhor, D., & Hamby, S. (2019). Child neglect and the broader context of child victimization. *Child maltreatment*, 24(3), 265–274. <https://doi.org/10.1177/1077559518825312>
- Zuo, P., Wang, Y., Liu, J., Hu, S., Zhao, G., Huang, L., & Lin, D. (2019). Effects of early adversity on the brain: Larger-volume anterior cingulate cortex in AIDS orphans. *PLoS one*, 14(1), e0210489ve. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0210489>

EQUIPE EDITORIAL**Editora-chefe**

Cristiane Silvestre de Paula

Editores associados

Alessandra Gotuzo Seabra
Ana Alexandra Caldas Osório
Luiz Renato Rodrigues Carreiro
Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

Editores de seção**“Avaliação Psicológica”**

Alexandre Luiz de Oliveira Serpa
André Luiz de Carvalho Braule Pinto
Vera Lúcia Esteves Mateus
Juliana Borges Sbicigo

“Psicologia e Educação”

Alessandra Gotuzo Seabra
Carlo Schmidt
Regina Basso Zanon

“Psicologia Social e Saúde das Populações”

Enzo Banti Bissoli
Marina Xavier Carpena

“Psicologia Clínica”

Carolina Andrea Ziebold Jorquera
Julia Garcia Durand
Natalia Becker

“Desenvolvimento Humano”

Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira
Rosane Lowenthal

Suporte técnico

Camila Fragoço Ribeiro
Giovanna Joly Manssur
Giovanna Gatto Nogueira

PRODUÇÃO EDITORIAL**Coordenação editorial**

Surane Chiliani Vellenich

Estagiário editorial

Élcio Marcos de Carvalho Júnior
Isabela Franco Rodrigues
Viktória Andrade Rocha

Preparação de originais

Mônica de Aguiar Rocha

Revisão

Vera Ayres

Diagramação

Acqua Estúdio Gráfico